

O REGIME DO TERROR: A RESISTÊNCIA AO AUTORITARISMO PELAS IRMÃS MIRABAL NO FILME *NO TEMPO DAS BORBOLETAS*¹

Raphaella Parizan²

Resumo

O presente texto pretende realizar uma análise das representações fílmicas da resistência das Irmãs Mirabal ao regime de Rafael Trujillo (1930-1938 e 1942-1952) no filme *No Tempo das Borboletas* (dir. Mariano Barroso, EUA-México, 2001). Devido à relevância histórica do episódio para a República Dominicana e América Latina, as irmãs tornaram-se símbolo da luta contra o autoritarismo e contra a violência, com sua memória permanecendo viva até os dias atuais. Diante disso, é pretendido realizar uma análise das representações do ditador e das irmãs na obra audiovisual, bem como o ato de resistência apresentado e como, a partir disso, a histórias das irmãs se tornou um símbolo da luta contra o autoritarismo e violência.

Palavras-chave: *Trujillo; Irmãs Mirabal; No Tempo das Borboletas.*

“Se me matam... Levantarei os braços do túmulo e serei mais forte”.
Minerva Mirabal

Sendo a história da América Central, em especial da República Dominicana, um tema pouco discutido e explorado pela historiografia, julguei necessário abordar o regime autoritário de Rafael Trujillo neste país, bem como a resistência a tal regime pelas revolucionárias Irmãs Mirabal. Apesar da designação que costuma receber, como uma das ditaduras mais sanguinárias da América Latina, os estudos acerca do regime são pouco

¹ Artigo escrito como requisito para conclusão do projeto temático PIBIC-UFRJ “A Dimensão Psicológica dos Autoritarismos”, orientado pelo Prof. Dr. Wagner Pinheiro Pereira.

² Graduanda em Licenciatura em História pelo Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IH-UFRJ) e bolsista PIBIC-UFRJ.

aprofundados, recebendo, quando muito, pesquisas dedicadas a discutir a literatura romancista latino-americana sobre ditadores. Trazendo para análise o filme *No Tempo das Borboletas*, não pretendo focar minha discussão somente na construção romancista de Júlia Alvarez acerca do episódio histórico, e sim comprovar que a intenção da trama teria sido apontar que havia um confronto de cunho pessoal entre Minerva Mirabal e o ditador, além de comprovar que a ideia de imortalizar a resistência das três irmãs no cinema seria um meio de torná-las um mito da história latino-americana.

No Tempo das Borboletas, lançado no ano de 2001 e criado para exibição no canal televisivo *Showtime* é baseado no livro homônimo da escritora dominicano-americana Júlia Alvarez, lançado em 1994 como um relato fictício da vida e morte das revolucionárias Irmãs Mirabal. Com sua família tendo de recorrer ao exílio após se envolverem em movimentos clandestinos para derrubar o ditador Rafael Trujillo, a escritora, nascida em Nova Iorque, nos Estados Unidos, cresceu conhecendo o meio da resistência ao regime sanguinário, e expressou suas memórias dos marcantes acontecimentos na terra natal de seus pais por meio da escrita. O romance foi a única obra da autora com uma adaptação cinematográfica, sendo extremamente pertinente e relevante para a reconstituição histórica de um dos episódios mais importantes da história da República Dominicana.

Em 1981 foi realizado o primeiro Encontro Feminista da América Latina e do Caribe, em Bogotá, Colômbia, no qual foram denunciados diversos casos de violências e abusos contra mulheres, seja na esfera doméstica, profissional ou pelo Estado, com torturas e prisões políticas. A partir desse evento, foi decidido que a data do aniversário de morte das Irmãs Mirabal Reyes, mulheres revolucionárias assassinadas pela ditadura militar de Rafael Trujillo, na República Dominicana, em 25 de novembro de 1960, se tornaria o dia para marcar a luta contra a violência sofrida por mulheres em toda a América Latina. Em 17 de dezembro de 1999, a Assembleia Geral das Nações Unidas transformou o dia da morte das irmãs em uma data comemorativa, nomeando-o como “Dia Internacional da Luta pela Eliminação da Violência Contra a Mulher”, reafirmando, assim, a importância da luta das mulheres, mas também preservando a memória das Irmãs Mirabal, que lutaram tão bravamente contra um dos regimes mais cruéis da América Latina, memória também perpetuada também por meio da literatura e do cinema. Desse modo, umas das motivações para a produção do filme teria sido a transformação do dia 25 de novembro em uma data comemorativa, além, é claro, de no ano 2000 completar-se o aniversário de quarenta anos do assassinato das irmãs.

Cabe, diante disso, apresentar o diretor responsável por perpetuar essa luta nas telas: Mariano Barroso é um cineasta e roteirista espanhol, nascido em Sant Just Desvern, em 1959. Estudou cinema no American Film Institute, em Los Angeles e, após, retornou à Espanha para produzir seu primeiro longa-metragem, *Mi Hermano Del Alma* (1993), o qual lhe rendeu o prêmio de Melhor Diretor Revelação no Prêmios Goya, em 1994. Barros também conquistou os prêmios de Melhor Curta-Metragem no Festival de Cinema de Alcalá de Henares (1983), Grande Prêmio de Melhor Filme no Festival de Cinema de Karlovy Vary, (1994) e o Prêmio San Jordi de Melhor Primeiro Trabalho (1995).

Filmado em Cidade do México e Veracruz, o filme foi produzido pela *MGM Television*, uma divisão da empresa cinematográfica Metro-Goldwyn-Mayer em parceria com a *Producciones Amaranta*. A MGM é uma empresa grande no ramo cinematográfico, com uma trajetória de noventa e oito anos, sendo uma das primeiras companhias de estúdio a utilizar a tecnologia *Technicolor* para a produção de seus filmes. Tendo em seu repertório grandes obras como *O Mágico de Oz* (*The Wizard of Oz*), *...E o Vento Levou* (*Gone with the Wind*) – ambos dirigidos por Victor Fleming e lançados no ano de 1939, nos Estados Unidos –, *Cantando na Chuva* (*Singin' In the Rain*, dir. Gene Kelly e Stanley Doney, EUA, 1952), até os mais recentes, como as sagas *007* e *Rocky*. A *Producciones Amaranta* já é uma empresa menor, focada principalmente na produção de filmes de gênero Documentário, como *Enredando Sombras* (*Entangling Shadows*, dir. José Carlos Tabío, México, 1998), que comemora o centenário do cinema latino-americano com curtas-metragens de diferentes países da América Latina.

A RESISTÊNCIA NO CINEMA

Tratando-se de uma obra cinematográfica, será realizada uma análise com base nos pressupostos de três historiadores, pois creio que sintetizem da melhor forma o papel do cinema dentro da História. Robert Rosenstone, um dos autores selecionados, afirma em seu livro *A História nos Filmes, os Filmes na História*, que, em diversas vezes, encaramos o cinema somente como um meio de entretenimento, sem uma função social que nos faça, como espectadores, refletir ou aprender. No entanto, estudos desenvolvidos por ele e por Marc Ferro em *Cinema e História*, nos apontam a relevância histórica do cinema, que, segundo Ferro, é uma “contra análise da sociedade”.

O historiador brasileiro Wagner Pinheiro Pereira, revela em seu livro *O Poder das Imagens* que, além de um meio de entretenimento, o cinema é tido como um

[...] agente histórico, objeto de estudo e fonte documental para o historiador, como um veículo que expressa ideias, imagens, aspirações e esperanças, medos e preconceitos de uma determinada sociedade e de seu tempo (PEREIRA, 2012, p. 647).³

A partir disso, podemos iniciar uma análise fílmica baseada na pesquisa e investigação histórica, concluindo que, hoje, o cinema, apesar de visar em primeiro lugar o entretenimento e monumentalização histórica, pode ser considerado uma ótima fonte histórica para estudos. Claramente, não encontraremos em produções cinematográficas os mesmos rigores acadêmicos, porém, o filme, em especial *No Tempo das Borboletas*, cumpre com sua função, que é homenagear personagens tão importantes para a história latino-americana, e levar ao público o conhecimento de um episódio histórico muitas vezes desconhecido.

Assim, a trama se inicia com fotos da República Dominicana, retiradas da *NBC News Archives*, e textos narrativos sobre o contexto histórico do país à época dos eventos a serem apresentados. É ressaltado que o general Rafael Leonidas Trujillo manteve total domínio sobre a República Dominicana de 1930 a 1961, bem como as bases do governo, incluindo a Igreja, empresas estrangeiras e parte da elite dominicana. Além, é claro, de apontar importantes atos praticados durante seu regime e os meios utilizados pelo ditador para exercer domínio sobre o país caribenho durante trinta anos.

Em sequência, é aberta a narração da história por Minerva (adulta), que relembra sua infância junto a suas irmãs e seus pais na região de Ojo de Agua. São apresentadas as quatro irmãs, Dedé, Pátria, Minerva e Maria Teresa realizando atividades e brincadeiras comuns na fazenda de sua família, passando para uma transição da infância para sua adolescência, no ano de 1938 (Figura 1).

³ PEREIRA, Wagner Pinheiro. **O Poder das Imagens**. São Paulo: Alameda, 2012, p. 647.

Figura 1 – A infância das irmãs em Ojo de Agua



Fonte: *Frame* extraído pela autora (2022).

Minerva (13 anos) já é apresentada como uma pessoa de bom coração e com senso de justiça, posto que, ao ver um coelho preso em uma armadilha, o tira de lá, lhe oferecendo a opção de fugir. Contudo, o coelho permanece parado, o que poderíamos associar à situação em que se encontrava o povo dominicano, que, em sua grande maioria, não reagia ou resistia às atrocidades praticadas pelo regime de Rafael Trujillo. Em seguida tem-se uma cena em que Minerva defende suas irmãs, que quebraram uma louça em sua casa, apontando para seus pais os motivos para não as castigar, revelando também seu desejo de ir à escola, visto que sonhava em tornar-se uma advogada. Neste momento, é importante ressaltar que à época, não era permitido para as mulheres estudarem Direito na República Dominicana, portanto, para seu pai Henrique, o sonho de Minerva era utópico.

Logo as três irmãs, Minerva, Mate (11 anos) e Pátria (15 anos) vão à escola enquanto sua irmã Dedé (14 anos) fica em casa para auxiliar seu pai com os trabalhos da fazenda. Lá mesmo, Pátria afirma que ela e as irmãs deveriam ter ficado na fazenda, onde era seu lugar, e Minerva rebate afirmando que não teria como saberem onde é seu lugar, já que só conheciam a fazenda. Nesse início já temos o perfil de Minerva traçado como uma jovem curiosa, forte e determinada, ao passo que Pátria se mostra mais resguardada e contida.

Durante seu período na escola, Minerva tem um de seus primeiros contatos com ideias de oposição ao governo de Trujillo, por meio de sua colega Sinita. A jovem aluna de caridade revela que seus familiares foram assassinados pela ditadura trujillista, algo

inacreditável para Minerva devido à devoção que lhe foi ensinada a ter pelo líder. É possível afirmar tal devoção por meio da presença de quadros com fotos do líder em todas as casas – incluída a da família Mirabal – acompanhados da frase “*En esta casa, Trujillo es el Jefe*”, festivais em sua homenagem, ou até mesmo carros com o escrito “*Era Trujillo*” nas placas.

Em determinado momento, as alunas do *Inmaculada Concepción* recebem a notícia de que o *Benfector* irá visitar o colégio e, por isso, devem homenageá-lo com um evento. Ouvindo a notícia, Sinita, que participará da peça teatral em homenagem ao líder, rouba uma ponta de pedra para colocar em sua flecha, que seria utilizada na peça. Durante a apresentação, que exaltava a história de Trujillo desde seu nascimento, apresentando-o como libertador de uma pátria que se encontrava totalmente acorrentada, Sinita aponta seu arco e flecha para ele, sendo impedida de atirar por Minerva. Ao final da peça, a jovem tem seu primeiro contato com Trujillo, que a elogia, dizendo ser muito bonita e corajosa, ressaltando que se lembrará de seu nome.

Após o ocorrido, o plano de cenas retoma para Minerva em uma cela solitária, relembrando de sua colega Lina, que no dia da peça teatral, fora levada por Trujillo. Da mesma forma que nunca mais a viu, também não viu mais Sinita, que desaparecera após o evento sem qualquer explicação.

De volta à sua casa, após cinco anos na escola, as irmãs conhecem um amigo de seu primo, Virgílio, professor universitário de Direito. Lio, como é chamado, logo se encanta por Minerva (adulta), que afirma que será advogada, contrariando a realidade do país, na qual mulheres são proibidas de frequentar a universidade. Imediatamente os dois criam um laço, o qual é proibido por sua família após descobrirem que Lio estava envolvido em protestos contra o governo, sendo considerado um inimigo do Estado, ao que Minerva rebate afirmando que “Qualquer um que acredite em um governo justo é inimigo do Estado”. Nesta cena, é possível observar o terror como uma forma de manipulação do povo, visto que o pai de Minerva a adverte pela fala, com receio de que alguém de fora de sua casa a tenha ouvido. Logo, Lio decide fugir do país, para evitar seu assassinato, e é quando Minerva se torna opositora do regime, recebendo por ele o codinome “borboleta”.

Passado algum tempo, a família Mirabal – especialmente Minerva –, recebe um convite de Trujillo solicitando sua presença em uma festa para a elite local. No baile, ao dançar com o ditador, Minerva recebe investidas sexuais, às quais reage com uma bofetada, escandalizando a todos os presentes e obrigando a família se retirar às pressas.

Em decorrência disso, os Mirabal ficam marcados, e mesmo com um pedido formal de desculpas, Henrique, pai das irmãs, é detido. Tempos depois a jovem consegue barganhar a liberdade de seu pai com o ditador em uma aposta – caso ela vencesse, o ditador deveria libertar seu pai e lhe conceder permissão para cursar Direito, porém, caso perdesse, deveria se relacionar com ele. Ao ganhar, Minerva consegue a liberdade de seu pai e sua permissão para estudar, entretanto, seu pai não resiste às torturas sofridas na prisão e vem a falecer pouco depois.

Minerva decide, então, partir para a faculdade, com o intuito de utilizar o estudo como mecanismo de resistência ao regime. Lá mesmo, ao passar pelos corredores da faculdade, encontra um jornal com a notícia de “traidores encontrados mortos” e, entre eles, estava Lio, seu amigo. A partir disso, a jovem conhece Manuel Tavárez, amigo de Lio, que a integra em seus grupos de resistência, apresentando-a aos demais pelo codinome “borboleta”. Dessa forma, seguida por sua irmã Mate, que parte para a capital para acompanhá-la, integra-se totalmente à resistência ao regime, imprimindo cartazes com listas de desaparecidos e prisioneiros políticos, colando-os clandestinamente pela cidade. Pouco tempo depois, Minerva casa-se com Manolo e chega o dia de sua formatura, porém, ao ir receber seu diploma das mãos de Trujillo, este declara que lhe concedeu a permissão de estudar, mas não de exercer a profissão.

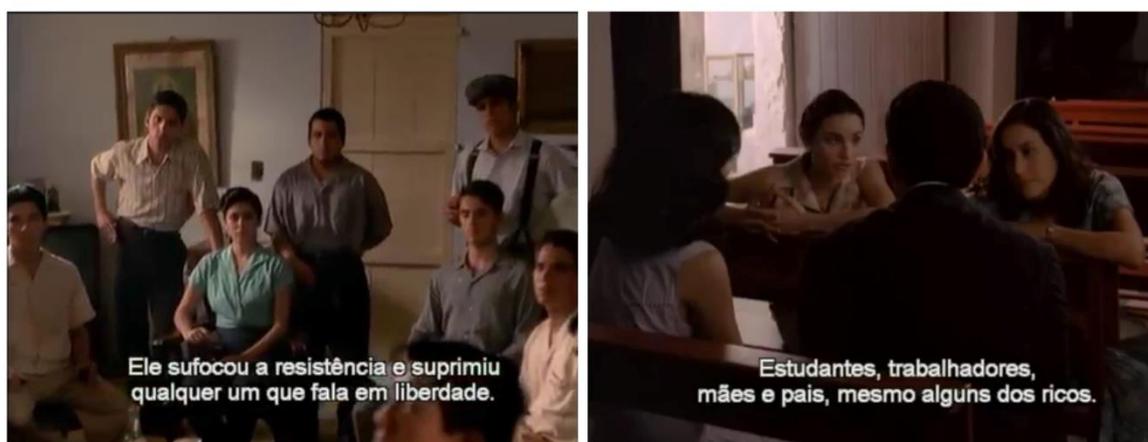
As duas irmãs e seus maridos, continuam ativas na resistência, fazendo o possível para alertar a população, ao que o regime responde com forte repressão, perseguindo e capturando os ditos inimigos do Estado e subornando os mais pobres por meio da entrega de gêneros alimentícios como um ato de caridade para com o povo. Neste momento, é apresentado o “carro da morte”, um veículo com membros do *Servicio de Inteligencia Militar* (SIM), a polícia secreta do governo, cujo objetivo era perseguir, capturar e assassinar pessoas consideradas subversivas.

Com o assassinato de seu amigo pelos membros do SIM, Minerva e Manolo vão para Ojo de Agua pedir para que suas irmãs cuidem de seus filhos enquanto partem para uma missão. No entanto, durante o desembarque de armamentos para os focos de resistência, eles e os demais membros do grupo são surpreendidos por oficiais que assassinam e capturam a quase todos, com Minerva, Manolo, Mate e Palomino, seu marido, conseguindo fugir com uma carga. Em sequência, retornam a Ojo de Agua e recebem ajuda de Pátria e seu marido para esconderem o armamento, e é nesse momento

da trama que Pátria, tão resistente às ideias defendidas por sua irmã, enfim adentra a resistência, tornando-se a terceira “borboleta”.

Agora, com as três irmãs envolvidas no movimento, estas passam a conscientizar a comunidade em que vivem. Reúnem-se com o padre da congregação, formando uma rede de informações com padres e fiéis de outras regiões, reunindo em suas casas grupos de pessoas, proferindo seus ideais de liberdade e resistência ao regime tirânico e opressor. Divulgam os crimes cometidos por Trujillo na rádio e incentivam a população a se unir e lutar não somente por sua liberdade, mas também de seus familiares e amigos (Figura 2).

Figura 2 – As irmãs reunidas com a comunidade



Fonte: *Frames* extraídos pela autora (2022).

Seu envolvimento é descoberto, e Minerva, Manolo, Mate e Palomino são levados presos. Enquanto detidos, são torturados para que revelem os nomes dos envolvidos no movimento. A trama também apresenta o conhecimento da população sobre as “borboletas” no momento em que diversas pessoas gritam os nomes de pessoas desaparecidas que ainda estão vivas e afirmam “as borboletas estão vivas!” e “vida longa às borboletas!”. Para além disso, a trama aponta que havia opositores do governo até mesmo dentro da polícia de Trujillo, por meio de uma policial que passa informações de fora da prisão para Minerva.

Quando ainda presas, membros da Organização dos Estados Americanos realizam entrevistas com os detentos sobre o tratamento recebido nas prisões dominicanas, após pressão internacional e denúncias sobre os abusos do regime trujillista. Após isso, as irmãs enfim são libertadas e, ao retornarem para sua casa, veem que o movimento continua mais vivo do que nunca.

Em seguida, Capitão Peña, um membro da polícia local, informa às irmãs que conseguiu que seus maridos fossem transferidos para o mesmo presídio, em Puerto de Plata, com permissão do *Jefe* para visitá-los. Contudo, o ditador visita a casa das irmãs, demonstrando, assim, sua superioridade e poder, obrigando as irmãs, que sabe serem opositoras e ferrenhas revolucionárias contra seu governo, a receberem-no sem poderem resistir.

Pouco tempo depois, as três irmãs partem para visitar seus maridos no presídio de Puerto de Plata junto a seu amigo, Rufino Cruz, que estava dirigindo. No caminho de volta para a casa, o jipe em que as irmãs e o motorista estavam foi interceptado por membros do SIM, que levaram os quatro para o meio da mata, onde os espancaram até a morte (Figura 3).

Figura 3 – Momento do assassinato das Irmãs Mirabal



Fonte: *Frame* extraído pela autora (2022).

Ao final da trama, textos narrativos apontam que o brutal assassinato das irmãs é apresentado como ato final do regime de Rafael Trujillo, assassinado seis meses depois. Também é recordado que filhos das irmãs tiveram importantes cargos políticos nos governos democráticos da República Dominicana, destacando que o dia 25 de novembro, dia do assassinato das irmãs, é comemorado em muitos países latino-americanos como “Dia Internacional da Luta pela Erradicação da Violência Contra a Mulher”.

ANTECEDENTES DE UMA DITADURA PATRIMONIAL

Em 1916, os Estados Unidos, descontentes com a resistência de Francisco Henríquez y Carvajal em seguir as diretrizes estabelecidas pelos representantes americanos, decide estabelecer no país um governo comandado por sua força militar, os *marines*⁴. Tal ocupação, que contava – ou permitia – ínfima participação de dominicanos em sua política, passou a gerar um intenso sentimento nacionalista no país. Anos depois, foram criados comitês e partidos com candidatos à presidência, com o intuito de acalmar a população já impaciente. Com isso, o general Horacio Vásquez é eleito presidente em 1924 por meio de eleições legais. No entanto, o general prolongou sua presidência, que deveria durar quatro anos, para seis, por meio de uma jogada legislativa, candidatando-se novamente no ano de 1930 para o novo período de presidência, que, dessa vez, seria de quatro anos. (GALÍNDEZ, 1956).

No ano de 1930, quando ocorreriam novas eleições, o líder do partido de oposição Rafael Estrella Ureña e o general Desiderio Arias, criam um movimento revolucionário, tomando o poder da República Dominicana por meio de um golpe contra o então presidente em fevereiro de 1930, estabelecendo um governo provisório. Em março de 1930, o general e comandante do Exército Nacional Rafael Leonidas Trujillo candidata-se à presidência, tendo vitória em 16 de maio e tomando posse da presidência em 16 de agosto do mesmo ano.

Rafael Leonidas Trujillo Molina nasceu em 24 de outubro de 1891, na cidade de San Cristóbal, na República Dominicana. Vindo de uma família simples, formou sua carreira militar graças à ocupação norte-americana no país, tornando-se Segundo Tenente em 1919, e em 1921 ingressando em uma escola para oficiais, onde se destacou dentre os demais alunos. No ano de 1922, torna-se capitão e, após o assassinato de um comandante em 1924, ascende à essa posição, sendo, em 1925, designado Comandante da Polícia pelo presidente Horácio Vásquez e assumindo a posição de General de Brigada em 1927, após a mudança da instituição militar de Polícia para Exército Nacional. Como é possível constatar, Trujillo era um personagem de confiança de Vásquez, entretanto, esteve tramando sua queda, agindo de forma dupla, ao passo que demonstrava apoio ao presidente enquanto também planejava um golpe junto a Estrella Ureña e outros membros do exército.

⁴ Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos.

Para conseguir eleger-se, Trujillo tratou de perseguir ferreamente seus opositores, realizando atentados e intimidações contra partidos e candidatos. As intimidações foram tão intensas que seus opositores retiraram suas candidaturas, ou seja, Trujillo foi eleito como único candidato possível. Além disso, um ciclone que atingiu o país em setembro de 1933 também funcionou como um facilitador para a tomada do poder absoluto por parte do novo presidente. Devido à imensa tragédia, que necessitava de ajuda internacional, foram suspensas todas as garantias constitucionais e a República Dominicana foi colocada em Estado de Sítio, tornando o país cada vez mais sujeito às vontades do presidente.

A sede por poder, a megalomania e o culto à personalidade de Trujillo se intensificavam cada vez mais. Em novembro de 1930, o congresso, agora comandado por ele, lhe concedeu o título de *Benfector de la Patria* (Ibidem. p. 81), proclamando leis sem sentido, como proibindo nomear ruas, cidades e vilas com nomes de pessoas (Ibidem. p.59). Em 1934, coloca no cargo de coronel do exército seu filho Ramfis, de somente cinco anos, no ano de 1936, renomeia a capital, Santo Domingo, como *Ciudad Trujillo*, e nomeia a mais alta montanha da República Dominicana como *Pico Trujillo* (Ibidem. p. 77). Contudo, um dos eventos mais tenebrosos do início de seu governo foi o “Massacre de Parsley”, ocorrido em 1937, no qual ordenara o assassinato de haitianos que tentassem atravessar as fronteiras em busca de pão e trabalho. São atribuídas ao evento cerca de doze a trinta e cinco mil mortes de haitianos que viviam nas fronteiras, não sendo possível contabilizar o número exato devido a censura existente na época, que impedia divulgações mais detalhadas acerca dos acontecimentos.

Agora, utilizando as três definições de ditaduras apresentadas pelo jurista e cientista político Franz Neumann, a ditadura de Trujillo poderia se enquadrar no terceiro tipo: uma ditadura totalitária. Nesse tipo de ditadura, para Neumann

[...] a monopolização do poder e apoio das massas pode não ser suficiente. Com isso, faz-se necessário controlar a educação, os meios de comunicação e as instituições econômicas e assim engrenar toda a sociedade e a vida privada do cidadão ao sistema de dominação política. Esta pode ser coletiva ou pessoal (NEUMANN, 1969, p. 260).

Nesse sentido, a ditadura trujillista se assemelha aos pressupostos do cientista político devido ao imenso controle das massas, com o isolamento dos indivíduos, enfraquecimento das bases familiares, controle sobre a religião, tradição, cultura e educação, bem como a propagação de valores culturais que beneficiem a imagem do líder

(NEUMANN, 1969). No entanto, o termo "ditadura totalitária", trabalhado também pela filósofa Hannah Arendt em *As Origens do Totalitarismo*, possui certas ambiguidades. Considerando que em um regime totalitário o líder ou o partido exerce o controle total de todas as esferas política, econômica e social, não seria possível a formação de uma resistência, algo que ocorre em outros regimes tidos como totalitários pela autora. Assim sendo, o regime trujillista se enquadra nas definições de Neumann sobre uma ditadura totalitária, porém, não podemos defini-lo de tal forma considerando os movimentos de resistência ativos durante todo o seu governo.

Além dessa definição proposta por Neumann, o regime trujillista pode ser considerado uma “ditadura patrimonial”. Esse tipo de ditadura foi um fenômeno ocorrido na América Central, em especial nos países caribenhos, e surgiu devido às constantes intervenções dos Estados Unidos na região que, após desocuparem os países, formavam guardas nacionais treinadas pelos *marines*. Tais intervenções tinham por objetivo manter o domínio sobre a região, impedindo quaisquer influências colonialistas europeias, tendo como disfarce a ideia de levar autonomia e liberdade para as nações latino-americanas. Gareth Stedman Jones destaca a Doutrina Monroe como um dos principais instrumentos de dominação, cuja “finalidade era apenas fornecer as defesas necessárias atrás das quais a nova nação poderia se consolidar”, apontando como um dos elementos fundamentais para a consolidação do imperialismo americano (1982). Ademais, as historiadoras Denise Rollemberg e Samatntha Viz Quadrat apontam que os Estados Unidos, “porta-vozes dos valores democráticos, [...] aparecem no cenário como um dos principais incentivadores dos golpes e das ditaduras que se sucediam” (2010).

Acerca das “ditaduras patrimoniais”, o diplomata Alain Rouquié realiza apontamentos sobre os ditadores latino-americanos:

Saídos da categoria local dos caudilhos, eles eram muito exatamente “empresários políticos”, que utilizavam os mais variados expedientes, dos quais o mais frequente era a força – sem contudo desprezar a ideologia –, para realizar seu projeto de enriquecimento e de poder pessoal. (ROUQUIÉ, 1984, p. 184).

Ao denominar esses ditadores como herdeiros do caudilhismo, Rouquié retoma os primeiros exemplos de autoritarismos na América Latina. O caudilho era o proprietário de terras, que tinha sob seu comando jagunços, que o obedeciam e auxiliavam no controle da população local. Nesse sentido, podemos enquadrar o regime trujillista na designação do

diplomata, visto que o ditador transformou o país em seu sítio particular, tratando-o como sua propriedade, exercendo poder sobre a política, economia e até mesmo sobre os indivíduos. O que também enquadra o regime dentro de uma ditadura patrimonial é o fato de, nos períodos em que não esteve na presidência, designou “herdeiros” de sua confiança ou mesmo parentes, além, é claro, de seu forte caráter personalista. Essas são características fundamentais desse tipo de ditadura, também comum nos continentes asiático e africano, nos quais são formadas dinastias que assumem o poder absoluto, mantendo seu domínio sobre o país através de intensa censura, terror e culto à personalidade.

A BUSCA POR UM PODER ABSOLUTO

O primeiro período de seu regime se sustentou de 1930 a 1938, sendo eleito novamente por unanimidade em 1942. Reformou a Constituição em diferentes ocasiões, sempre que julgava necessário, tratando de perseguir e amedrontar a população dominicana a fim de evitar revoltas. Tinha espões por toda parte, grampeava telefones e incentivava a denúncia contra suspeitos de tramarem algo contra o governo. Nessa perspectiva, o medo de ser pego e detido era maior do que qualquer tentativa de resistir e enfrentar. Assim, Trujillo cada vez mais dominava a República Dominicana.

Pouco a pouco foi arrogando o poder do país na esfera política e também econômica. Durante a década de 1940 e início de 1950, todas as principais indústrias do país passaram para as mãos da família, que comandava sua economia. O poder de Trujillo era tão extenso, que o lema “*Dios y Trujillo*” passou a ser amplamente difundido, tal como a exigência de se ter em casa residência um quadro com os ditos “*Em esta casa, Trujillo es el Jefe*”, tal como apresentado no filme aqui analisado. Sua megalomania superava todos os limites, concedendo a si mesmo os mais diversos títulos de exaltação, e a massa o acompanhava, sendo obediente ao novo líder.

Ao final da década de 1950, a brutalidade do regime de Trujillo não podia mais ser escondida. Em 12 de março de 1956, ordena o rapto de Jesús de Galíndez, um jovem político vasco que, após viver algum tempo na República Dominicana e mudar-se para os Estados para lecionar na Universidade de Columbia, decidiu realizar uma tese de doutorado intitulada *La Era de Trujillo: Um estudo causuístico de ditadura hispanoamericana*, publicada em fevereiro de 1956, caso apresentado na obra de Mario

Vargas Llosa, *A Festa do Bode (La Fiesta del Chivo)*, PER, 2005) e em sua respectiva adaptação cinematográfica, *O Ditador (La Fiesta del Chivo)*, dir. Luis Llosa, ES, 2005). Apesar de seu desaparecimento em 1956, o corpo do professor universitário nunca foi encontrado, e foi dado como morto somente em 30 de agosto de 1963.

O ato suscitou uma investigação por parte do FBI, que suspeitava do desaparecimento de Galíndez. Contudo, esse não foi o único ato falho do ditador. Este passou a cumprir uma série de erros de dimensão internacional, como o assassinato de opositores que se exilavam fora do país, o assassinato de jovens revolucionários do “Movimento 14 de junho”, que, após diversos protestos pelo país, foram capturados, brutalmente torturados e fuzilados (MUSEO MEMORIAL DE LA RESISTENCIA DOMINICANA, 2017), incluído também o atentado à vida do presidente venezuelano Rômulo Betancourt, que realizou uma denúncia à Organização dos Estados Americanos (OEA), que passaram a realizar investigações sobre o regime, fato apresentado na trama quando Mate é entrevistada na prisão. O assassinato das Irmãs Mirabal, em 25 de novembro de 1960, foi mais um dos erros sucessivos cometidos pelo ditador.

Em 30 de maio de 1961, enquanto viajava, sofreu uma emboscada por um grupo que há muito planejava sua morte. O denominavam como “o bode”, algo também abordado no filme analisado, quando as irmãs visitam seus maridos no presídio, pouco antes de seu assassinato, e utilizado com sátira no título da obra de Mario Vargas Llosa, que também aborda o planejamento do assassinato do ditador. Enfim, após trinta e um anos no comando total da República Dominicana, Rafael Leonidas Trujillo Molina é assassinado a tiros por seus opositores (Figura 4), encerrando o primeiro período ditatorial do pequeno país caribenho.

Figura 4 – O carro de Rafael Trujillo após o atentado contra sua vida



Fonte: ullstein bild/Getty Images, 1961.

AS IRMÃS MIRABAL

As irmãs Mirabal, Pátria Mercedes (1924), Bélgica Adela, conhecida por Dedé (1925), Maria Argentina Minerva (1926) e Maria Teresa, conhecida como Mate (1936), nasceram na província de Salcedo, na República Dominicana, e pertenciam a uma família de classe média alta. Desde sua infância, frequentaram o colégio *Inmaculada Concepción*, na cidade vizinha, La Veja, local em que Minerva conheceu Sinita, uma aluna de caridade que afirmava terem seus familiares sido assassinados a mando do ditador, o que é recuperado na trama.

Antes de seu contato com Sinita, o contato de Minerva com ideias de oposição ao regime partiu de seu tio, José, um ferrenho anti-trujillista. Isso, somado às histórias contadas por Sinita, somente ampliaram sua rejeição pelo governo, o que assustava a seus pais, que tentaram tirá-la da escola após a criação do Movimento Juventude Democrática, pelo qual conheceu Péricles Franco, formado em medicina no Chile e membro do Partido Popular Socialista. De imediato, os jovens se apaixonam, porém, separam-se quando o exílio se torna a única saída para Péricles não ser morto após sucessivas prisões. Na trama, o episódio é recuperado de forma adaptada, com o Péricles sendo interpretado por Virgílio, um jovem professor universitário de Direito que conhece Minerva em sua casa.

Em 1949, a família Mirabal é convidada para um baile oferecido para a elite local, não podendo recusar pelo ato poder ser considerado um desrespeito ao *Generalíssimo*. Durante a festa, na qual a beleza de Minerva desperta o interesse do ditador que a convida

para dançar, esta, extremamente impulsiva, conversa com o tirano sobre política, exigindo o perdão a seu amigo, membro do Partido Popular Socialista. Com receio de que o comportamento de Minerva envolva a família em problemas, seu pai, Henrique, decide partir da festa com as filhas de forma discreta, o que é tido como uma afronta à Trujillo. A partir desse evento inicia-se uma intensa perseguição à família Mirabal. Minerva e seu pai são detidos duas semanas depois, com a primeira sendo libertada uma semana depois, mas constantemente vigiada por membros da polícia secreta. Na representação, o pai de Minerva é detido no dia seguinte ao baile, vindo a falecer pouco depois de ser liberto.

Após grande insistência, a jovem consegue permissão de Trujillo para cursar Direito na Universidade Autônoma de Santo Domingo, tendo de sujeitar-se a ler um discurso em homenagem ao tirano em um evento para que, no ano seguinte, pudesse permanecer na universidade. Durante seu período como estudante, conheceu Manuel Aurelio Tavárez Justo (Manolo), iniciaram um namoro e casaram-se em 1955. Sendo ambos ferrenhos anti-trujillistas, no ano de 1959, pouco tempo após concluir seus estudos e tornar-se a primeira mulher a cursar Direito na República Dominicana, Minerva é impedida pelo ditador de exercer a profissão. Dessa forma, já utilizando o codinome “borboleta”, propõe junto a seu marido a formação de um movimento de resistência, o qual é intitulado “Movimento Revolucionário 14 de junho” (CASA MUSEO HERMANAS MIRABAL), inspirado nas insurreições populares que culminaram na queda de Pérez Jiménez, na Venezuela e Fulgêncio Batista, em Cuba.

A primeira reunião do movimento ocorreu em 1960, na casa de Pátria e Pedrito, com Manolo sendo escolhido como líder do movimento. Tal evento é representado no filme no momento em que as irmãs reúnem diversas pessoas da região para discutirem suas ideias de liberdade e articularem o movimento em favor da queda de Trujillo. Após isso, as prisões dos membros do movimento, incluindo Minerva, foram sucessivas, sendo a última com sua irmã Mate, da qual foram libertadas após pressão sofrida pela OEA, tendo de cumprir prisão domiciliar em Ojo de Agua, casa de sua mãe, evento também apresentado na trama.

Maria Teresa, a mais jovem das irmãs Mirabal, teve seus primeiros contatos com movimentos de resistência ao regime através de sua irmã, Minerva. Ao mudar-se para Santo Domingo para cursar a faculdade de Engenharia Civil e morar com sua irmã, ambas passaram a compartilhar um sentimento de desprezo e revolta. Mate já namorava Leandro Guzmán, um jovem também anti-trujillista, com quem se casou em 1958.

Fazendo parte do movimento revolucionário 14 de junho, Mate e seu marido passaram a ser imediatamente perseguidos e logo foram presos. Transferida para o mesmo presídio de Minerva, receberam soltura, porém, logo foram recapturadas por membros do SIM, sendo libertadas novamente somente após pressão da OEA (CASA MUSEO HERMANAS MIRABAL).

Pátria, primogênita da família Mirabal, era mais cautelosa do que suas irmãs em seus envolvimento com a resistência ao governo. Contudo, ao final de 1950, ela e seu marido, Pedrito González, decidem unir-se a suas irmãs e cunhados no movimento revolucionário, oferecendo sua casa para as recorrentes reuniões. Logo após a primeira reunião do movimento, em janeiro de 1960, ela, o marido e os filhos abandonam a casa devido às constantes perseguições e partem para a casa de sua mãe em Ojo de Agua.

Pedrito foi o primeiro da família a ser detido após a reunião, seguido por Mate, Minerva, Leandro e Manolo. Pouco após Minerva e Mate serem libertas, Pedrito é transferido para o presídio de La Victoria, em Santo Domingo, e Leandro e Manolo para Puerto de Plata. Em 24 de novembro, Patria parte para visitar seu marido, retornando no mesmo dia e decidindo acompanhar suas irmãs no dia seguinte a Puerto de Plata para visitar Manolo e Leandro (CASA MUSEO HERMANAS MIRABAL).

Nesse dia, ao retornar para a casa com o motorista Rufino de la Cruz, o jipe em que se encontravam foi interceptado por membros do SIM, que levaram os quatro para o meio da mata. Lá, estrangularam e espancaram os quatro de forma brutal, com pedaços de pau, socos e chutes, colocando seus corpos de volta ao jipe e jogando de um penhasco, simulando um acidente.

Por ser um meio recorrente utilizado pelo governo para tentar encobrir assassinatos políticos, a população, já impaciente e revoltada com as atrocidades de Trujillo, fortalecem os movimentos de resistência devido à importância social das irmãs dentro do movimento revolucionário. Em 30 de maio de 1961, como já apresentado, o ditador é assassinado por opositores, dando fim à sua era de tirania, denominada por Jesús de Galíndez como “*La Era de Trujillo*”.

AS REPRESENTAÇÕES NA LITERATURA E NO CINEMA

Como foi possível inferir a partir da breve descrição do enredo do filme e da vida do ditador e das irmãs, a trama busca retratar a história de forma fidedigna às fontes históricas. Contudo, as irmãs foram muito mais ousadas do que nos é sugerido pela obra.

Baseou-se em relatos oficiais sobre as personagens, retratando-as de forma clara: Trujillo, como um déspota, megalomaniaco, tirano e com sede de poder; Minerva, Mate e Patria como mulheres fortes e corajosas, que criam em um mundo melhor, sem a tirania desenfreada do ditador caribenho. Tratando-se de um romance, eram esperadas diversas alterações dos eventos históricos em busca do entretenimento e da monumentalização histórica, algo mínimo dentro da obra. Também é importante destacar que as personagens principais da trama não são dominicanas, sendo Salma Hayek (Minerva), Lumi Cavazos (Pátria) e Pilar Padilla (Dedé) mexicanas, Mía Maestro (Mate) argentina e Edward James Olmos (Trujillo), americano, além da trama ser filmada por completo no México. Vemos, dessa forma, o sistema de estrelato hollywoodiano, apresentado pelo historiador Wagner Pinehiro Pereira (2020)⁵, presente na produção, considerando que foram selecionados para a obra celebridades conhecidas não somente na América Latina, mas também nos Estados Unidos, principalmente Salma Hayek, que vinha se destacando como uma importante celebridade no país, afim de que o público se atraísse pelas atrizes e atores.

No Tempo das Borboletas não trata somente da história das irmãs como um todo, pois, em seu início, já é possível compreender que Minerva é a personagem principal na trama. O ódio da jovem Mirabal é intensificado a partir de seus contatos com Péricles Franco – na trama representado por Virgilio –, que lhe incentiva a realizar leituras de libertadores, como José Martí e ingressar na luta revolucionária.

A noite do baile é somente o início de seu embate pessoal contra Trujillo, que passa a perseguir ela e sua família sem medir esforços. A trama apresenta tamanha perseguição como resultado de uma negativa sexual de Minerva ao ditador, o que não podemos afirmar, mas também não podemos negar. Rafael Trujillo era conhecido por possuir diversas mulheres, até mesmo esposas dos membros de seu governo e exército. O filme nos aponta que, durante seu tempo na escola, Trujillo demonstra interesse por sua colega Lina, uma jovem muito bonita, levada, logo após a peça teatral em sua homenagem, por homens do *Jefe*. Minerva, em seus momentos de narração, revela que não se sabia para onde Lina

⁵ PEREIRA, Wagner Pinheiro. “O Império Midiático de Hollywood: *Soft Power, American Way of Life* e a Dimensão Psicológica do Imperialismo Cultural dos Estados Unidos da América (Séculos XX–XXI). In: SIQUEIRA NETO, José Francisco & GIANNATTASIO, Arthur Roberto Capella. (Orgs.). **Globalização e Instituições**. São Paulo: Eseni Editora, 2020, p. 387.

havia sido levada, mas haviam histórias de que a jovem havia engravidado e sido banida para Miami. De forma mais sutil, o filme nos revela a grande perversão sexual do ditador.

No livro e na adaptação cinematográfica de *A Festa do Bode*, essa relação de Trujillo com as mulheres é mais explícita. A imagem do ditador é retratada de forma ainda mais imponente e louca do que no romance que analisamos, e o medo das pessoas de serem consideradas inimigas do líder, é ainda mais presente. A obra de Mario Vargas Llosa, lançada em 2000, seis anos após *No Tempo das Borboletas*, nos aponta que Augustín Cabral, em desespero por acreditar ter a desaprovação do líder, entrega sua filha, Urania, de apenas catorze anos para o ditador, para que seja o primeiro homem de sua vida, como forma de demonstrar sua lealdade. Não conseguindo realizar o ato sexual, o ditador a estupra com um objeto, com o intuito de lhe causar dor.

A jovem Urania parte da República Dominicana para os Estados Unidos, vivendo uma vida solitária e cheia de traumas pelo estupro sofrido com o consentimento de seu pai. Dessa forma, ao passo que Júlia Alvarez foca sua história na resistência ao regime por parte das irmãs, baseando-se em diferentes relatos recebidos acerca da história oficial, mas principalmente da irmã sobrevivente, Dedé Mirabal, Mario Vargas Llosa adentra um universo mais psicológico em sua obra, apontando as consequências geradas pelo regime trujillista por meio de uma ficção, englobada dentro de um subgênero conhecido como “romances de ditador” e “romances de ditadura”.

Esse tipo de obra se centra na vida do ditador e seu regime, criando histórias fictícias que se mesclam com eventos reais. Esse subgênero surgiu na América Latina, e busca apresentar ao leitor os regimes ditatoriais e os ditadores por um viés psicológico, tal como seus efeitos na sociedade. Exemplos de romances de ditador e de ditadura seriam *O Outono do Patriarca*, de Gabriel García Márquez, *O Senhor Presidente*, de Miguel Ángel Asturias ou *Eu, o Supremo*, de Augusto Roa Bastos, que se centram nos regimes tirânicos, produzindo também relatos fictícios a seu respeito.

Vemos, assim, diferentes meios de representar as ditaduras ocorridas na América Latina dos séculos XIX e XX, as quais são recuperadas pelo historiador Wagner Pinheiro Pereira. O autor propõe uma análise da representação de ditadores na literatura hispano-americana e destaca que a relevância de tais obras se dá ao tomarmos como ponto de partida que

[...] a história da América Latina tem sido assolada, desde a formação dos seus estados nacionais no século XIX, pela presença de regimes autoritários, cujas

marcas são sentidas ainda hoje pelas sociedades latino-americanas. (PEREIRA, 2016, p. 172).

Dessa forma, é possível compreendermos a relevância de tais obras para a literatura latino-americana. Assim, podemos inferir que o romance de Júlia Alvarez se enquadra perfeitamente no subgênero “romances de ditadura”, se destacando por ser também a primeira mulher escritora a lançar uma obra sobre o tema, apresentando a história a partir de uma ótica feminina, propondo, como destaca a doutora em Letras Carla Rosane da Silva Tavares

[...] uma forma de reler a realidade, ora seguindo os passos da História instituída, ora recriando literariamente aspectos e caracteres das personagens que marcaram definitivamente a República Dominicana. (TAVARES, 2007, p. 86).

Além disso, a obra reforça os efeitos de um regime ditatorial para a história de todo um país, bem como valoriza a legitimidade, o consenso e consentimento da construção social dos regimes autoritários, algo apresentado pelas autoras Denise Rollemberg e Samantha Viz Quadrat ao longo de sua coleção de livros *A Construção Social dos Regimes Autoritários*. As autoras buscam trazer discussões a respeito de tais regimes indo além da construção de uma visão maniqueísta de bem versus mal:

Apegadas às necessidades do presente, essas construções acabam por encobrir o passado, o presente, os valores e as referências das sociedades que sobrevivem às rupturas, pontes de continuidade, a sinalizar possibilidades de futuro (ROLLEMBERG & QUADRAT, 2010, p. 9).

A partir disso, as autoras ressaltam que não seria possível para tais regimes sobreviverem durante tanto tempo sem um consenso da população. Portanto, a imagem tão somente de um opressor e um oprimido, não deve ser tida como totalmente verdadeira, visto que, apesar de existirem focos de resistência, como no caso da Irmãs Mirabal, houve um consentimento social para que aquele regime fosse mantido durante trinta e um anos.

CONCLUSÃO

O filme *No Tempo das Borboletas*, mesmo sendo a adaptação de um romance, não abandona a carga crítica e a representação histórica, apresentando aos espectadores um dos mais importantes episódios da história da República Dominicana. Apesar da quarta irmã, Dedé Mirabal, não ter sido uma personagem tão ativa dentro do movimento revolucionário

e não ser uma das “borboletas”, a obra não deixa de retratar sua importância para a história de suas irmãs em vida, mas também na permanência de sua memória, sendo, até o ano de sua morte, em 2014, a principal fonte para que se pudesse conhecer a vida das irmãs Mirabal desde a infância. A trama buscou expressar a luta das irmãs, dentro do possível, de forma fiel às fontes históricas, também selecionando atores e atrizes que pudessem se assemelhar fisicamente às personagens reais (Figura 5). Assim, *No Tempo das Borboletas* serve também como uma obra reflexiva acerca dos regimes autoritários latino-americanos, bem como os movimento de resistência a estes.

Figura 5 – Comparação entre as personagens reais e fictícias



Não podemos, é claro, deixar de ressaltar críticas a inconsistências presentes na obra, como em seu início, no qual a narração sugere que Trujillo obteve apoio de intelectuais e da imprensa. Na verdade, como vimos por meio de Jesús de Galíndez, desaparecido após publicar um estudo sobre o regime, tanto os intelectuais como a imprensa, eram constantemente perseguidos pelo ditador. Compartilho, nesse caso, a afirmativa de Alex Von Tunzelmann, historiadora britânica que afirmou em seu artigo para o jornal britânico *The Guardian* que um regime tirânico não poderia sobreviver com apoio de intelectuais:

As bases reais do poder de Trujillo estavam, de forma mais óbvia, nos mais quartéis do exército, nas grandes empresas e no governo dos Estados Unidos. (TUNZELMANN, 2010).

Além disso, a historiadora ressalta que, considerar o assassinato das irmãs como “golpe final”, como é apresentado ao final do filme, se trataria de um exagero, por suas desavenças com os Estados Unidos terem maior peso. Não discordando de sua afirmativa de todo, referir-se ao evento como um golpe final poderia mais ser entendido como um estopim para a população, já cansada das atrocidades cometidas pelo governo.

O confronto pessoal entre Trujillo e Minerva, apresentado ao longo da trama, tem bases reais, e podemos conferir as oposições de ideais entre as duas personagens históricas. Minerva afirmara que

Em Cuba não poderia haver um sentimento mais forte contra Batista, do que aqui contra Trujillo. Não compreendo por que lá podem fazer revoluções, derrubar tiranos e aqui, dadas as condições, não se pode... Está claro que se algo for organizado contra Trujillo, é evidente que aqui podemos derrubá-lo também.". (MUSEO MEMORIAL DE LA RESISTENCIA DOMINICANA, 2017, tradução livre).

Ao passo que Minerva cria na união popular para derrubada do ditador, este revelava toda a sua arrogância e culto à personalidade, espalhando os dizeres “Deus no céu e Trujillo na Terra”, atribuindo a si próprio relevância semelhante à de Deus, como seu herdeiro.

A obra tem sua relevância e importância, mas não podemos exigir uma adaptação extremamente fiel a cada ato ao analisar um filme. A licença poética prevalece, nesse caso, e situações, falas e até mesmo personagens são alterados para gerar mais comoção na trama e também para atrair um público alvo, como exemplo, a idade de Mate, que, sendo nove anos mais nova do que Minerva, é retratada com dois anos de diferença. *No Tempo das Borboletas* conseguiu cumprir com excelência esse papel, com sua obra literária recebendo, além da adaptação cinematográfica, adaptações teatrais, como a ocorrida na cidade de Chicago, EUA, em 2016, recebendo excelentes críticas locais.

Agora, me encaminhando para o fim, retomo o que foi dito no início deste artigo. Acredito ter cumprido o proposto, que é apresentar um dos mais importantes episódios do país caribenho, bem como suas representações no cinema e literatura através do olhar do historiador. Temos, a partir disso, a relevância do episódio histórico e suas consequências posteriores quando, em 1981, o dia de sua morte, 25 de novembro, passa a ser declarado como Dia Internacional da Luta pela Erradicação da Violência Contra a Mulher e, em 1999 a data é oficializada internacionalmente pela Assembleia Geral das Nações Unidas. A luta das irmãs e seu ato de resistência foram – e ainda são – grandes exemplos de como

personagens históricos podem tornar-se não somente mitos locais, mas sim representações de um ideal que permanece vivo independente do tempo e circunstâncias: a luta pela liberdade.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Julia. Interview with Julia Alvarez. **Chicago Public Library**. Chicago, 31 out. 2004. Disponível em: <https://www.chipublib.org/interview-with-julia-alvarez/>. Acesso em: 06 fev. 2022.

ALVAREZ, Julia. **No Tempo das Borboletas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ANDA. **Quienes Somos**, 2019. Disponível em: <https://laanda.org.mx/quienes-somos/>. Acesso em: 20 dez. 2021.

CASA Museo Hermanas Mirabal. **Las Mariposas: Maria Teresa**. Disponível em: <https://casamuseohermanasmirabal.com/las-mariposas/maria-teresa/>. Acesso em: 12 jan. 2022.

CASA Museo Hermanas Mirabal. **Las Mariposas: Minerva**. Disponível em: <https://casamuseohermanasmirabal.com/las-mariposas/minerva/>. Acesso em: 12 jan. 2022.

CASA Museo Hermanas Mirabal. **Las Mariposas: Pátria**. Disponível em: <https://casamuseohermanasmirabal.com/las-mariposas/patria/>. Acesso em: 12 jan. 2022.

CHICAGO Public Library. **Julia Alvarez Biography**, 31 out. 2004. Disponível em: <https://www.chipublib.org/julia-alvarez-biography/>. Acesso em: 06 fev. 2022.

LLOSA, Mario Vargas. **A Festa do Bode**. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda., 2000.

MUSEO Memorial de la Resistencia Dominicana. **Asesinato Hermanas Mirabal**, 2017. Disponível em: <https://www.museodelaresistencia.com/asesinato-hermanas-mirabal/>. Acesso em: 12 nov. 2021.

MUSEO Memorial de la Resistencia Dominicana. **La Fundación del Movimiento Revolucionario 14 de Junio**, 2017. Disponível em: <https://www.museodelaresistencia.com/la-fundacion-del-movimiento-revolucionario-14-de-junio/>. Acesso em: 07 fev. 2022.

REDACIÓN el Tiempo. **Producciones Amarante Presenta...**, 1997. Disponível em: <https://www.eltiempo.com/archivo/documento/MAM-578965>. Acesso em: 20 dez. 2021.

TUNZELMANN, Alex von. In the Time os the Butterflies: feisty but it doesn't really fly. **The Guardian**. Londres, 18 mar. 2010. Disponível em: <https://www.theguardian.com/film/2010/mar/18/reel-history-salma-hayek>. Acesso em: 12 nov. 2021.

FILMOGRAFIA

NO TEMPO DAS BORBOLETAS (*In the Time os the Butterflies*)

Ano: 2001 **País:** EUA-México

Direção: Mariano Barroso

Estreia: 21 de outubro de 2001 (Mundial)

Produção: MGM Television / Producciones Amaranta / Phoenix Pictures/Barnstorm Films

Produtores: Helen Buck Barlett / Tony Bill / Salma Hayek / Mike Medavoy / Craig Rossier

Roteiro: Júlia Alvarez, Judy Klass, David Klass

Música: Van Dyke Parks

Duração: 95 minutos

Gênero: Romance, Drama

Elenco: Salma Hayek (Minerva), Edward James Olmos (Rafael Trujillo), Mía Maestro (Mate), Demian Bichir (Manolo), Lumi Cavazos (Patria), Marc Anthony (Lio), Pilar Padilla (Dede), Pedro Armendariz Marquez (Capitain Peña), Ana Martin (Mama), Fernando Bacerril (Enrique Mirabal), Anthony Alvarez (Palomino), Ermahn Ospina (Jaimito), Raul Mendez (Pedrito), Mariana Sanchez (Minerva – 13 anos), Geraldine Bazan (Patria – 15 anos), Vanesa Hidaleo (Dede – 14 anos), Hean Almaguer (Mate – 11 anos), Paulina Treviño (Sinita), Anna Layevska (Lina Lovaton).

Sistema: 1 DVD (colorido)

BIBLIOGRAFIA

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz & Terra, 2012.

GALÍNDEZ, Jesús de. **La Era de Trujillo**. Santiago de Chile: Editorial del Pacífico S.A., 1956.

JONES, Gareth Stedman. “A História do Imperialismo dos Estados Unidos”. In: BLACKBURN, Robin. (Org.). **Ideologia na Ciência Social: Ensaio Crítico Sobre a Teoria Social**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1982. p. 190-218.

NEUMANN, Franz. “Notas sobre a Teoria da Ditadura”. In: **Estado Democrático e Estado Autoritário**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969. p. 257-282.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. “A sombra dos ditadores: os regimes autoritários nos romances hispano-americanos (1851-2000)”. In: PIÑON, Néida (Coord.). **As Matrizes do Fabulário Ibero-Americano**. São Paulo: Edusp, 2016. p. 171-188.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. “O Império Midiático de Hollywood: *Soft Power, American Way of Life* e a Dimensão Psicológica do Imperialismo Cultural dos Estados Unidos da América (Séculos XX–XXI)”. In: SIQUEIRA NETO, José Francisco & GIANNATTASIO, Arthur Roberto Capella. (Orgs.). **Globalização e Instituições**. São Paulo: Eseni Editora, 2020. p. 369-405.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. **O Poder das Imagens**. São Paulo: Alameda, 2012.

ROLLEMBERG, Denise & QUADRAT, Samantha Viz. “Memória, história e autoritarismos.” In: _____. **A construção social dos regimes autoritários: Legitimidade, consenso e consentimento no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 9-30.

ROSENSTONE, Robert. **A História nos Filmes, os Filmes na História**. 1.ed. São Paulo: Paz & Terra, 2010.

ROUQUIÉ, Alain. “Guardas Pretorianas e Estado Patrimonial”. *In: O Estado Militar na América Latina*. São Paulo: Alfa Ômega, 1984. p. 184-221.

TAVARES, Carla Rosane da Silva. “O romance das Borboletas: a textualidade literária”. *In: A Perspectiva da Mulher como Resistência às Configurações Ideológicas do Ditador Latino-americano: O Romance de Julia Alvarez e de Mario Vargas Llosa*, 2007. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.